

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

A Biblioteca Municipal

BARCELOS



Proprietário:
Nunes de Oliveira

Director e Editor:
Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)

Redacção e Administração:
Luis Pinto Brochado Monteiro Pedras

Comp. e Imp.: EDITORA POVEIRA — Póvoa de Varzim

Telefone: Viatodos — 86187

Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 52465 — BARCELOS

No Cinquentenário da Morte de um grande Barcelense

D. ANTÓNIO BARROSO

PALADINO DO IDEAL MISSIONÁRIO AO SERVIÇO DA PÁTRIA

NÃO se sabe se a Cidade volta a vestir-se de crepes, se, hoje, deve mas é cantar hossanas pela memória de um Santo. Homem da Pátria e Homem de Deus — eis o que deve chamar-se Aquele que, hoje, pretendemos homenagear — na passagem dos 50 anos sobre a sua morte.

É D. António Barroso que está em causa.

Todo o tamanho da sua personalidade pode medir-se desde os tempos de missionário. Foi aí, precisamente, que ele se vinculou à história. De cabouqueiro de terras de agro — como lhe competia por ser filho de lavradores humildes — eis que se faz alçapremar, nas lonjuras da missão, logo quase desde a primeira tonsura. E é vê-lo, atalegado de uma mensagem providencial, a calcorrear as estepes africanas, de bernal às costas, mas livre para os cometimentos que emanavam da sua fé e enraizada nas estruturas familiar e colegial — não sem que, antes, tivesse pegado à rabiça do arado lá de casa dos pais.

Vocação tardia? — Não. Era que a experiência que levaria na bagagem lhe haveria de servir para saber pegar ao timão de missionário. Estava talhado para Bispo de três Continentes — que é assim que a História o regista.

Mas, contemos, servindo-nos de guia a Revista «Além-Mar», no seu último número, dos Missionários Combonianos.

Era uma vez um Missionário...

O sr. D. António Barroso — de nome completo António José de Sousa Barroso — nasceu na freguesia de Remelhe, do nosso concelho, a 5 de Novembro de 1854, e que até os 16 anos ajudava a Casa de Lavoura em todos os amanhos, desde as lagraças e podas e atadas, à correção das leiras e segadas e malhadas, com os serões de premeio que fazem o «folclore» mais típico da região, foi então para os Seminários de Braga. Cedo luziu para ele a chama de um chamamento especial de Deus: — a missão.

Era seu sonho ir à Índia — então a feiticeira de tais mensagens. Para o que aprendera dialectos, sobretudo o «concani» usual no Indostão que, então, pontificava como colónia para o proselitismo católico. Porém, o homem põe e Deus dispõe... Era mas é para a África que o «moço» padre estava destinado. Houve quem dissesse: — tratou-se de uma reviravolta.

Há 40 anos Barcelos erigiu-lhe a Estátua que o glorifica e testemunha



D. ANTÓNIO BARROSO

Estávamos em Agosto de 1880. O Congo português vivia em letargia espiritual. D. José Sebastião Neto — que havia de ser também Cardeal Patriarca de Lisboa — ia tomar posse do alto cargo de Bispo de Angola e Congo. Indispensável — por decisão de Deus — o P.e Barroso, já de barbas a roçar o peito e a hon-

rar-lhe o rosto, onde a meiguice e a determinação se cruzavam como siglas de um carácter ímpar, e forte.

No cais, esperava-os, com outros poucos e de igual raça, a «Bengo». Conta-se que gaivotas, todas de branco, apareceram por ali para darem as despedidas. Eram men-

sageiras do Seminário de Cernache do Bonjardim, que, no bico, levavam o adeus dos companheiros... Reza a história do tempo:

«Chegada a Santo António do Zaire, a canhoeira navegou rio acima, até Noqui, tocando em Banana, Pinda, Boma e Mussuco. Em Pinda, o

P.e Barroso desce a terra e, tocado de ardor patriótico, procura o padrão erguido por Diogo Cão. Já lá não está. Do convento dos Capuchinhos apenas restam ruínas. Uma imagem da situação espiritual do Congo português, outrora uma cristandade tão florescente que dera à Igreja o primeiro bispo negro dos tempos modernos. Desabafa o P.e Barroso: «O convento desmoronou-se: há perto de um século que os seus habitantes retiraram; o último franciscano nos abrolhos do atalho, marcou o princípio da derrocada.»

Rio acima. A vegetação é esplêndida, densa, tropical. O P.e Barroso, apaixonado pelas ciências naturais, observa e anota. Temperatura elevada e húmida. O termómetro, num dia ao acaso, marca 56 graus à sombra. A partir de Boma, as margens elevam-se e a vegetação arbórea sucedem os pequenos arbustos e as gramíneas.

Noqui é o termo da viagem fluvial. Lá forma-se uma expedição por terra para atingir S. Salvador do Congo. Cerca de 300 pessoas: os missionários, os «observadores» com presentes do rei de Portugal para o rei do Congo e os carregadores. Foi uma viagem difícil. A água escasseava. Finalmente chegaram a S. Salvador, sendo recebidos pelo rei D. Pedro de Água Rosada.»

Viajeiro e Bispo — em Moçambique, na Índia e no Porto — e Cientista

De compleição de atleta — tisonado de sóis e de ventos — o P.e Barroso, porém, não resiste às intempéries e aos rigores do clima. Não se diga que eram as saudades que o martirizavam — por muito que lhe doesse o coração, através as «desgraças» que a distância do terrunho natal e dos seus, cava no peito dos homens. Teve sempre uma só meta: — o serviço de Deus ao serviço da Pátria.

Missionário e apóstolo, com isso se contenta. Ou seja, por ver debangar seus frutos a árvore que tinha implantado — e que via crescer durante os seus curtos oito anos em que esteve em Angola.

E vai regressar. Deixa, no entanto, sulcos abertos na cristianização, sob a égide de Camões: — Dilatar a Fé e o Império, que não-de rebenatar por todos os lados na louçania de uma acção missionária singular, e superiormente patriótica.

(Continua na segunda página)

No Cinquentenário da Morte de um grande Barcelense

VIAGEIRO E BISPO

—em Moçambique, na Índia e no Porto—

E CIENTISTA

(Continuação da primeira página)

Aponte-se ainda o carácter científico da sua obra. O P.e Barroso evangeliza e ensina, para o que não tem descanso, no estudo sobre a fauna e a flora do meio inóspito e rico de África, para documentar a sua experiência e gosto pelo saber.

Tanto é assim que, passado pouco tempo, na Metrópole, para a recomposição da sua saúde abalada, logo pensa no regresso. O Congo e Angola estão-lhe no pensamento, como uma obsessão invencível. Intolerável, melhor dizendo.

Nem o gosto, e arte, pela conferência, em que se torna modelar e solicitado por todas as camadas — o liberta dessa obsessão. Desse destino.

Por regressar à messe que considerava o agro de seu apostolado, da sua missão, ele é Bispo de Moçambique — onde iria fomentar outra obra que ainda hoje é lembrada, e elogiada.

Escolhe-o António Enes e é sagrado a 5 de Julho de 1981, na Sé de Lisboa, para embarcar a 21 de Fevereiro do ano seguinte.

Era então Moçambique a mais abandonada de todas as dioceses ultramarinas — no dizer de Fortunato de Almeida.

Mas também mais uma vez a coragem, o espírito missionário, a intransigência e a Fé do P.e Barroso — elevado à dignidade de Chefe da Prelazia moçambicana — conseguem remover obstáculos, e argamassar sólidamente o novo edifício da Missão católica na costa oriental portuguesa, como o havia feito em S. Salvador do Congo.

Vejamos alguns traços do antiste, como viajero por terras de Moçambique:

«A parte central da Província foi toda percorrida pelo novo Prelado. A primeira viagem é realizada ao território de Manica e de Gaza. Parte da Beira em Agosto de 1892 pelo

Rio Pungué. Depois de Neves Ferreira a viagem tem de ser feita por terra. Calor horrível. A água escasseia. As febres assallam o bispo e os carregadores. Embora doente, cede a sua tipóia a um carregador mais doente e caminha a pé. A falta de outro alimento é obrigado a comer farinha de milho escaudado, «que não era de todo má» — anota ele. Durante a viagem, não esquece a sua jaceta de cientista: estuda a fauna, a flora, a hidrografia e a fertilidade do solo. A viagem termina a 22 de Outubro, com a chegada a Quelimane.

No ano seguinte (Setembro de 1893), embarca novamente em Quelimane em direcção ao Chinde, realizando assim a sua segunda viagem, desta vez ao Niassa. Acompanha-o o superior dos Jesuítas nas missões da Zambézia, que viria a falecer no caminho. Regressa a Quelimane no primeiro de Dezembro. «Estamos bastante cansados — escrevia — por causa do muito calor e das privações do caminho, sobretudo pelo que respeita à água. Com a ajuda de Deus está terminada esta viagem que não foi tão feliz como a gente queria, mas da qual espero em Deus se tirará algum proveito.»

Na Índia igual surto de episcopado se segue. Regressado de Moçambique, por motivos de saúde, D. António Barroso é nomeado bispo residencial de S. Tomé de Meliapor, diocese do padroado português na Índia. Partiria no ano seguinte (Maio de 1898).

Não chegou a um ano esta missão. Mas quanto não deixou de seu exemplo, de sua dedicação, de seu esforço e apostolado!

E é então — em Fevereiro de 1899 — que a Santa Sé o nomeia Bispo do Porto. O Porto tinha — como alguém «profetizara» — alfin, um Bispo Missionário.

Passavam, então, vinte anos, sobre a ida do P.e Barroso para África (Angola), como missionário. E iria ter de cumprir 18 na diocese do Porto, pois que dera entrada ali, aos 2 de Agosto, com 45 anos de idade, e de barba e cabelo grisalhos — como se pode ler em documentos coevos. Deixemos que estes falem:

«Foi neste último período da sua vida que ele encontrou o seu calvário, um terrível calvário. Diz o P.e Sebastião de Oliveira Brás, seu biógrafo: «Fallava ao grande português a auréola da perseguição, e o governo provisório da república acudiu, solícito, a cingir-lha». Ajonso Costa, então ministro da Justiça, foi o seu primeiro carrasco.

Destituído das funções de bispo do Porto e desterrado da diocese de 1911 a 1914. Citado em tribunal em 1913. Novamente desterrado em 1917. E isto apenas por ter querido ser um bispo fiel à Igreja e zeloso do seu rebanho.

Durante a perseguição, uma grande calma e uma grande fé. Conta D. António Barbosa Leão, seu sucessor na cadeira episcopal do Porto, que o grande bispo, quando foi chamado a tribunal, pôs ao peito o crucifixo, inseparável companheiro das suas canseiras apostólicas, e disse: «Vamos lá, Senhor! Conosco irei alegre para o cárcere ou para a morte.»

Em fins de Dezembro de 1917, após cinco meses do seu segundo exílio (desta vez em Coimbra), regressou ao seu paço episcopal. Um dos primeiros cuidados que tivera Sidónio Pais logo que subiu ao poder fora anular o injusto decreto contra o bispo do Porto.

Mas a sua resistência física chegara ao fim. Mais do que os anos, as canseiras apostólicas da sua vida de missionário e bispo, e sobretudo as agruras infligidas pelos homens, haviam minado o seu corpo.»



Cartaz do Congresso Missionário Nacional realizado em Barcelos em 1931

BARCELOS no «placard»

dos Congressos Religiosos da iniciativa do grande Arcebispo D. Manuel Vieira de Matos

O CONGRESSO MISSIONÁRIO DE 1931

Corria o ano de 1931. Outra vez no mês de Agosto. Tinha o «cronista» muito menos de vinte anos, e visitava a cidade dos Alcaides pela primeira vez. Festões de seda e musse bamboleavam, ao mesmo tempo que o velho burgo regurgitava de gente.

Com o Episcopado português estavam milhares e milhares de católicos, que vinham ouvir a palavra

de Deus que chamava os eleitos à missão. Nenhuma outra terra merecia mais a honra de ali os reunir, que Barcelos — a cidade que se orgulha de ter um Filho que se chamou D. António Barroso.

A presidir aos destinos político-administrativos do concelho, essa figura de homem puro que foi o Conde Villas Boas, Fernando Magalhães Menezes. Na cúpula da embaixada, o Cardeal Patriarca, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que representava também o Papa Pio XI. E na coorte, além de outras figuras da Igreja e da Nação, D. João (Continua na quarta página)

O conflito de gerações — um tema de sempre

Conferência proferida pela Dr.ª Maria Ester de Lemos na Câmara Municipal de Barcelos, no passado dia 6 de Julho (Continuação)

Através da rápida análise que desprentiosamente ensaiamos deste velho texto português inspirado em parte na tradição mais remota ainda da comédia latina — acabamos de surpreender, creio eu, alguns dos aspectos permanentes e inalteráveis, (tanto quanto pode ser inalterável alguma coisa humana) do conflito entre gerações, que na verdade se revela um tema de sempre.

Resta-nos agora corrigir o simplismo tendencioso que ameaça uma visão aplicada a descobrir semelhanças genéricas entre factos de épocas culturais diferentes.

E essa correcção permitir-nos-á, num rápido exame, porque a hora vai adiantada, tentar encontrar, (ou reencontrar, visto que já lhes aludimos de passagem) — as novas formas e novas implicações que esse conflito de sempre nos apresenta neste embrulhado terceiro quartel do século XX.

Propositadamente deixei em suspenso a questão ultimamente abordada do «direito a ser jovem». Parece-me, na verdade, que uma reflexão sobre este ponto nos será útil, para tentarmos ver claro na essência do conflito — que, por mais científica e desapassionadamente que afectamos encará-lo, nos preocupa afinal vivamente, a todos nós, que temos responsabilidades na formação de gente nova. (E quem, sendo adulto, as não tem afinal?...)

Ora bem: quando Hipólito declara que tudo se quer a seu tempo e os nabos no advento, e que portanto o deixem folgar e foliar enquanto é moço porque em sendo tempo de recolher se fará mais grave que um doutor, a sua fala não é apenas expressão chocante de um cinismo gozador que se recusa a levar a vida a sério: é voz prudente (e conformista, por paradoxal que isto de repente pareça) da sabedoria clássica, feita de serena adesão à natureza e à ordem estabelecida por Deus e traduzida em arrumação da sociedade. «A cada idade deu Deus seu officio, ao velho severidade e ao mancebo alegria». Logo, é Hipólito, o moço, quem afinal se revela integrado na melhor tradição de bom senso tradicional: nem faltam na sua fala as imagens colhidas na natureza — os nabos no advento, as uvas que a seu tempo amadurecem... — a dar um sabor de «sageza» proverbial, patriarcal, que encara as fases da vida humana como fatalidade cíclica, do mesmo cariz que os fenómenos da vida vegetativa da planta...

Que jovem de hoje interpretaria assim e defenderia com tais argumentos o seu direito a ser jovem? Só, porventura, algum anacrónico representante de qualquer pequena comunidade rural, onde por milagre ainda não tenha chegado sequer o eco — ou a imagem tele-

transmitida — da civilização industrial e urbana do nosso tempo...

Porque — e isto é importante, creio — o que o jovem de hoje reivindica não é o seu direito à alegria, nem à despreocupação — e muito menos à irresponsabilidade.

Honra lhe seja: o jovem de hoje, pelo contrário, quer, e às vezes até exige em tumulto e violência — que o responsabilizem. E aos adultos seus mentores (ou tidos como tal), aos pais, aos reitores de universidades, aos mestres, aos governantes dos Estados, não atira geralmente em cara o peso excessivo de obrigações que lhe impõem, nem o constrangimento a uma disciplina austera, nem sobretudo a oposição aos prazeres e diversões próprios ou impróprios da sua idade. O que lhes assalta é a falta de confiança que manifestam na sua capacidade de iniciativa e realização; é a parte que lhe negam no governo de si mesmos e do mundo; e é também — por vezes, nos casos de mais grave e profunda revolta, a sujeição a uma ordem social ou moral que consideram insustentável, não tanto por severa ou rigorosa demais, mas por inautêntica, e incapaz de satisfazer as suas aspirações mais profundas de justiça, de rectidão, de amor ou de heroísmo...

Não: os jovens de hoje não se queixam, regra geral, da severidade dos adultos. Até porque nem haveria razão. Os adultos, e em especial os que mais contacto mantêm com eles, os da geração dos pais, os que hoje se situam entre os

trinta e tal e os cinquenta anos, renegaram a severidade, lançaram o anátema fulminante sobre uma coisa vaga e tenebrosamente chamada «paternalismo»; esqueceram-se de pregar a prática do quarto mandamento, endeusaram a criança e o jovem, e, derretidos num sentimentalismo açucarado, trataram, quanto puderam, de lhe criar um mundo artificial, asséptico, acolchoado, estanque à dor e ao mal. Por outro lado, inflamados num íntimo zelo de lealdade, quiseram, para lhe evitar traumatismos (um termo à moda) revelar-lhe desde cedo todos os mistérios da vida; e assim lhe destruíram o pudor, ou pelo menos a capacidade de sonhar. Preocupados em os apetrechar para a luta pelo triunfo económico que é a vida moderna, sacrificaram a este objectivo os aspectos verdadeiramente espirituais da sua formação. Ao mesmo tempo — não já tanto por culpa directa de uma geração cega de ideologias ou pedagogias deturpadas — mas por força de um gigantesco processo sócio-económico em que todos nos achámos inelutavelmente envolvidos, davam-se aquelas transformações que bem conhecemos, e que já quase nem vale a pena inumerar: o emprego da mulher, que conduz à falta de ambiente familiar, a rápida promoção social que vai cavar mais fundo o abismo entre gerações, dando aos filhos uma cultura a que os pais não tiveram acesso e predispondo-os para menosprezar a sua direcção; a concentração urbana, reduzindo a um exíguo espaço para dormir a casa de família onde dantes se vivia e convivia, e destruindo deste modo o encontro, antes natural e quotidiano, das várias gera-

ções; a forçosa separação dos pais a que os longos estudos obrigam os jovens, concentrando-os em meios próprios, fechados, e criando assim desde cedo um sentimento de geração, que não raro se transforma em espírito de classe, e os opõem mais decidida e conscientemente às gerações anteriores...

E elas, as gerações anteriores acobardadas ante a força dos jovens, receando ser acusadas de intransigência, ou sentindo a má consciência e a insegurança de quem porventura veio pela vida sem cumprir o seu plano de vida ou sem o ter sequer traçado — recua, cede, bandeia-se com os mais novos no seu anárquico e natural desejo de demolição, tenta ou finge tentar compreender sempre, confundindo nas manifestações juvenis o idealismo intelectual, a lealdade com o cinismo descarado, o desejo sério e puro de responsabilização e de iniciativa com a vontade, orientada e politicamente comprometida, de destruir as estruturas sociais, e acabar de desprestigiar a já titubeante autoridade, seja ela de mestres, patrões, poderes políticos ou hierarquias eclesásticas.

Os adultos, insensatamente, não ousam directamente reprovar: fingem que ignoram, quando não aplaudem.

(Continua no próximo número)

Bispo de Nova Lisboa

Esteve em Barcelos, hóspede do nosso bom amigo Sr. Artur Vieira de Sousa Basto, Sua Ex.ma Reverendíssima o Senhor Bispo de Nova Lisboa, D. Daniel Gomes Junqueira.

AS LOUÇAS DE BARCELOS

e a sua exportação

Há quantos anos aponto a necessidade de se olhar com mais interesse pela fabrico das louças de Barcelos! Mas antes de mim, e com toda a sua indiscutível autoridade, já o fizeram Charles Lepierre e Rocha Peixoto nos seus esplêndidos estudos, e no entanto quem lhes ligou importância?!...

Mas isto continuará assim? Será possível que o progresso desta indústria continue a fomentar-se ao retardador? A vida começará amanhã, ou já começou ontem?

Já expus com toda a cruel clareza, nestes últimos anos, as muitas causas que prejudicam as louças de Barcelos e o seu fabrico. Trata-se duma indústria, que embora popular, pode contribuir consideravelmente para a economia nacional e a sua desorganização e a incompetência dos seus utentes são os entraves a essa prosperidade.

Vem isto a propósito, como já referi a semana passada, da exportação e das consequências a que esta tem dado origem.

Os fabricantes e os exportadores das louças de Barcelos, salvo raras excepções, têm tanto de inconsciência como de audácia. As louças não possuem as condições normais necessárias para a sua exportação sem se exporem a graves riscos, e os exportadores actuam indiferentemente aos perigos que daí podem advir. O mal vem de longe e tem causado grandes arrelias a muita gente e contribuído para a depreciação destas louças. Louça de Barcelos é sinónimo de coisa ordinária.

No entanto as louças de Barcelos continuam a atrair e a tentar negociantes! Veja-se este exemplo do sr. Jacob, prejudicado na transacção efectuada e tendo recorrido ao tribunal para reclamar uma indemnização, voltou a firmar contratos com vários fabricantes para novas importações das mesmas louças!... Por isso, esta indústria deve merecer toda a nossa admiração e todo o nosso carinho. E deve merecer especial protecção dos governantes, amparando-a convenientemente para que todos estes males desapareçam.

Os fabricantes vão responder no tribunal e talvez sair condenados. Mas gostava de ouvir as entidades a quem estavam entregues aos destinos e direcção desta indústria. Penso que os responsáveis por todos os prejuízos na exportação não são só os fabricantes e exportadores, mas também quem superintende na direcção desta indústria pelo abandono a que está votada sem escola e sem organização, subjugada a um grémio do qual nunca podia nem pode esperar nada em favor dela porque não é da sua especialidade, nem da sua categoria, nem da sua classe.

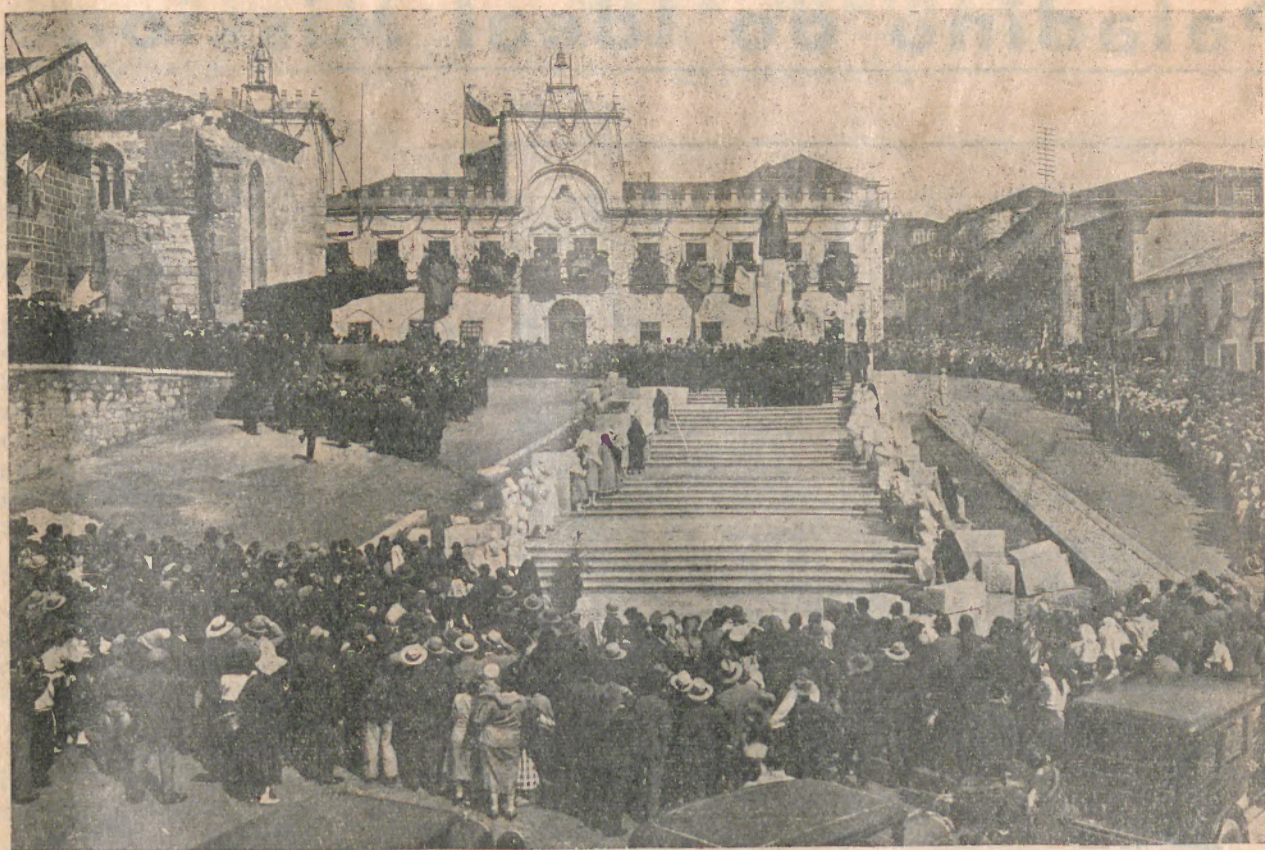
Onde estão os mestres para ensinar e dirigir estes artífices que, mesmo sem a necessária preparação profissional e técnica, conseguem fazer coisas que enfeitam o estrangeiro que teima em adquirir os seus produtos apesar de todas as dificuldades e vicissitudes?

A indústria das louças de Barcelos, pelo volume das suas transacções, pelo número de almas que ocupa e sustenta e pela expressão da sua arte, têm jus a escola e protecção especial. Fomentar esta indústria não é um favor, mas um acto de boa política e de justiça, porque é agir em prol da prosperidade do País e corresponder à heroicidade e estoicismo destes barristas, obreiros duma arte que, apesar de tudo, corre mundo levando o nome de Barcelos e Portugal a toda a parte.

Urge pois, pôr termo a estes defeitos que tolhem a exportação e a prosperidade desta indústria.

M.

D. ANTÓNIO BARROSO



Há quarenta anos Barcelos erigia-lhe a Estátua que o glorifica e testemunha

Barcelos no 'placard' dos Congressos Religiosos da iniciativa do grande Arcebispo, D. Manuel Vieira de Matos

(Conclusão da 2.ª página)

Evangelista de Lima Vidal, venerando Bispo de Vila Real; Superior das Missões Ultramarinas; D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz — grande de virtudes e de patriotismo.

Mas é sobre um acto especial, que se realizou durante este Congresso Missionário, que queremos detennos. Para já cite-se o nome honrado, e benquisto, desse barcelense que se chamou em vida Albino Leite.

Foi ele que aglutinou vontades, reuniu fundos, espalhou a mensagem de se erguer, em Barcelos, uma Estátua a D. António Barroso, como tinha sido resolvido em sessão extraordinária do Município, por proposta do rev. P.e Alexandrino Leituga. E ela aí está, imponente, virada para os eidos do seu terrunho natal — Remelhe — as barbas a tombar-lhe sobre o peito, onde brilha ainda a Cruz do Episcopado que Ele havia de levar aos tribunais como sua principal testemunha de defesa (como se isso fosse preciso) e marcada por aquele ar de bondade que é só pertença de eleitos ou de santos.

Foi a inauguração a 2 de Setembro de 1931 — no 3.º dia do Congresso — e parece que estamos a assistir-lhe! Como são profundas as recordações da mocidade!

E Barcelos ficou mais rica — ao mesmo tempo que pagava uma das suas maiores, e mais queridas, dívidas de gratidão.

Foi ontem. E é hoje que os povos redimem seus pecados ajoelhando aos pés de seus maiores. E poucos foram maiores que D. António Barroso.

O CONGRESSO MISSIONÁRIO DE 1931

Albino Azevedo Leite
o grande impulsor da erecção do monumento



Capela-Jezigo, no Cemitério de Remelhe, onde repousa D. António Barroso

Silva, 25

Fragoso, 25

Aniversário natalício

Comunhão Solene

No passado dia 19, passou mais um aniversário do nosso digníssimo mo pároco, Rev. Sr. Padre Aviz de Brito, motivo por que o *Jornal de Barcelos* e o povo desta freguesia felicitam o bondoso pároco que brevemente comemorará as suas bodas de prata sacerdotais.

Realizou-se, no dia 15, nesta freguesia, a Comunhão Solene das crianças em número de algumas dezenas.

Ao solene e grandioso acto, que foi metódicamente preparado pelo rev. pároco, assistiu numeroso público.

No final, foram tiradas várias fotografias para ficarem de recordação.

Para a Capital

Falecimento

— Depois de um período de merecidas férias, na companhia de seus familiares, já regressou a Lisboa o Ex.mo Sr. Dr. Sebastião Aviz de Brito, Dig.mo Bibliotecário Arquivista do Ministério da Educação Nacional.

Com 83 anos, faleceu, no lugar da Bouça Grande, onde residia, a Sr.a D. Deolinda Alves Pinheiro, viúva.

A família dorida, os nossos sentidos pêsames.

— C.

— C.

PEQUENOS ANÚNCIOS

Maria Angelina Correia

Médica Especialista de Crianças
Clínica Geral de Senhoras

Consultório: Campo 5 de Outubro
Residência: Av. Comb. G. Guesas, 114
Telef.: Consult. 82398 - Resid. 82803

O melhor Café
da CAFEZEIRA DE BARCELOS

de Manuel da Cruz Pias

Inscrito no Grémio dos Armazenistas de Mercaria

CÉSAR F. CARDOSO

ADVOGADO

Largo da Madalena, n.º 1
Telefone, 82447 — BARCELOS

AS MELHORES FAZENDAS em Terylene, Acrilan e Scotchgard, para felos — Padrões modernos e bons. COMPRE O SEU FATO na

Casa Cordeiro

Av. Oliveira Salazar, 52-Telef. 82576 — BARCELOS

GARAGEM MACHADO

Telef. 82466
BARCELOS

Venda de automóveis novos e usados

Reparações de automóveis, camiões e motores

PARA PRESENTES...

(fixe somente este caso)

Ourivesaria Milhazes

Filial: Rua D. António Barroso
BARCELOS

Sede: Rua 5 de Outubro, 35
PÓVOA DE VARZIM

ALTO-FALANTES

...prefira sempre a

Casa Soucasaux

Fotografias - Rádios - Óculos - Artigos fotográficos

Telefone 82348 — BARCELOS

Casa Sialal

TUDO PARA A LAVOURA

BARCELOS

Moveis TELES

MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORRITO

Todo o género de Colchoaria, Mapas, Sofás-camas, Divãs de ferro art. e Mobiliário metálico Tapetes, Carpetas e Alcatifas

Campo da Feira — Telef. 82452 — BARCELOS

D. ANTÓNIO BARROSO

Paladino do Ideal Missionário ao Serviço da Pátria



Casa de Remelhe, onde nasceu D. António Barroso

BARCELOS sente e vive a morte do grande Bispo

A sua derradeira doação à Terra onde nasceu

D. António Barroso morreu, no Porto, no seu Paço Episcopal, a 31 de Agosto de 1918.

Faz agora 50 anos.

Eis as efemérides que estamos a evocar. Passam, assim, cinco lustros sobre a sua morte — se morte se pode chamar ao «desaparecimento» quase simbólico de um Homem que foi grande figura da Igreja e da Pátria.

Autêntico Varão — no que a palavra tem de mais significativo e honroso — bem se pode juntar, nas páginas da História de Portugal, a tantos que se tornaram imortais. Que da Lei da Morte se libertaram.

Evoquemos também o que foram esses dias, em que esteve depositado, em caixão sem rendas, perante o povo crente e amigo desta Cidade de Barcelos — que ele amou até ao último desprendimento.

Era numa quarta-feira. Chegava à estação do Caminho de Ferro o ataudé que continha os restos mor-

tais do Bispo, de Remelhe, e que havia falecido, nas vésperas, na cidade do Porto, onde era igualmente estimado e amado por suas excelentes virtudes de cidadão português e de Antiste sabedor e apostólico.

Chovia. Era como que se o Céu chorasse naquela hora — o Céu que já o tinha recebido em sua Côte. Mesmo assim, o povo acorreu em massa. Cheirava-lhe a santidade — e sabe-se como o Povo «adivinha» estas coisas, mesmo na sua ignorância dos mistérios que vêm na cartilha por onde aprendeu a doutrina...

Por Sua vontade, havia de ser enterrado no cemitério de Remelhe — junto à pia baptismal e ao adro da sua meninice. Na harpa do vento — e era Agosto — sentia-se o bemol do cantochão mais sentido.

A esperar o féretro, além do Povo simples, as autoridades e irmandades, com o cônego dr. António Joaquim Pereira a presidir, e a enco-

mendar a alma do Bispo. O cortejo — sob a organização do armador João Esteves — dirige-se para a Matriz, enquanto os sinos de todas as igrejas badalam lúgubres, compassados.

Preside às cerimónias, no interior do templo forrado de preto, dos alizares ao tecto, o rev. dr. A. J. Pereira, e celebra o arcepreste, pároco de S. Salvador do Campo.

Nos lugares de honra, vêem-se o Governador Civil do Distrito, e outras figuras de destaque, como o dr. José da Silva Menezes, Juiz do Tribunal do Comércio do Porto, Presidente e Administrador do Concelho, o Juiz da Comarca, Delegado do M. P. e Secretário de Finanças, o comandante e Oficiais do Quartel da Vila, os Viscondes de Vilarinho, de Godim e da Fervença, comendador Joaquim Pais, Dr. Queiroz Ribeiro, Dr. Vieira Ramos, notário, D. Luís de Noronha e Távora, Marcus Tameirão, representantes das Ordens da Trindade e do Terço, do Porto, etc., etc.

Faziam a Guarda de Honra à essa, deputações de Bombeiros Voluntários do Porto e de Barcelos.

A Câmara reúne extraordinariamente

«Um voto de profundo sentimento»

No mesmo dia, reúne a Câmara Municipal. O seu Presidente dita para a acta — numa demonstração da vontade popular:

«Proponho que seja exarado um voto de profundo sentimento pela morte do nosso ilustre patrio e venerando Bispo do Porto».

Foi também durante esta reunião camarária que o rev. Alexandrino Leituga mandou para a acta da sessão: — «Que se erga, em Barcelos, um monumento ao grande benemérito, grande mártir e grande Santo» — ideia que, mais tarde — há 40 anos — pôde vir a ser realizada, por iniciativa de outro grande barcelense: — Albino Leite.

Durante o dia, foi o cadáver do saudoso Bispo velado por multidões e multidões, e no dia seguinte — uma quinta-feira — era transferido para Remelhe, numa carreta dos Bombeiros, nele incorporando-se a Câmara, com estandarte, e fazendo-lhe a guarda de honra o batalhão local.

Ficou depositado em Jazigo de Família.

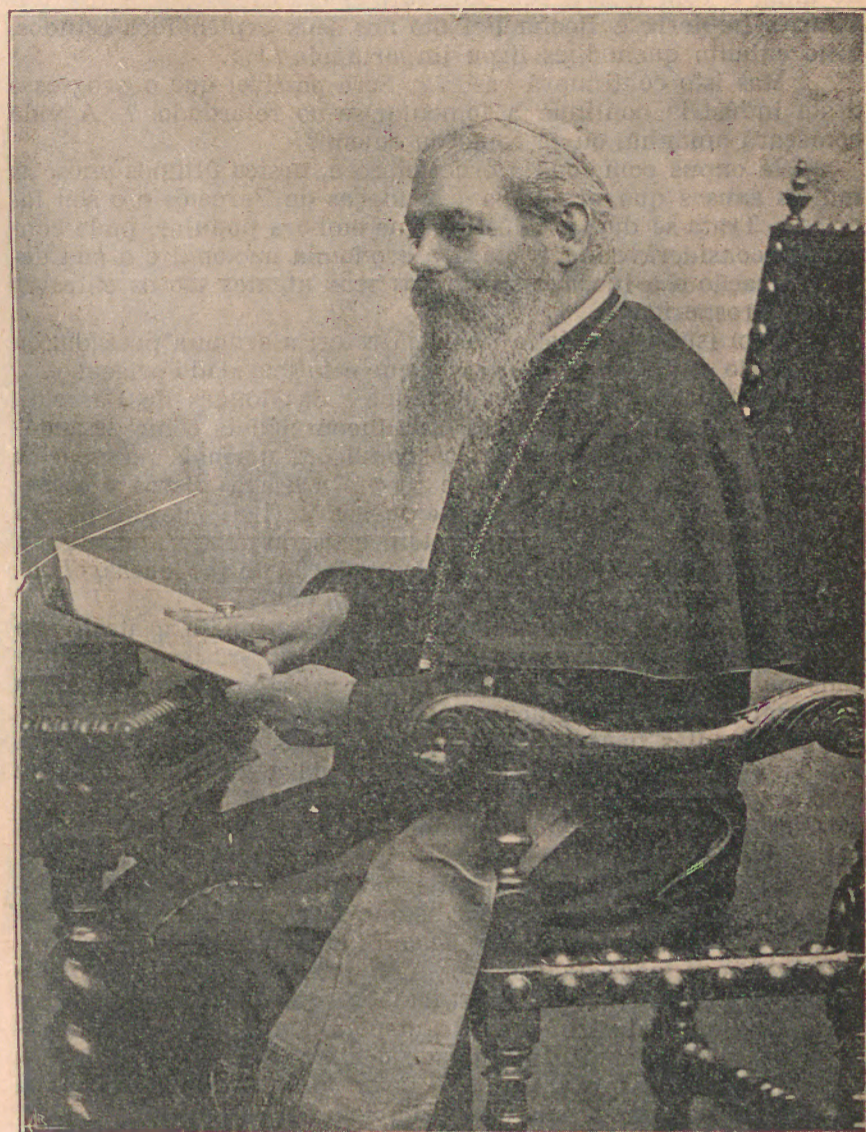
Manifestações de apreço e de estima

Por ocasião do enterro do Santo Bispo e grande barcelense, o sr. Francisco Carmona, Provedor da Irmandade do Bom Jesus da Cruz, dirigiu ao Vigário Geral do Episcopado, o seguinte telegrama de pêsames:

«Envio sentidos pêsames falecimento D. António Barroso, ilustre barcelense, glória da Igreja Portuguesa a quem a Pátria tanto deve.»

— Também a Imprensa local (O Barcelense) e outros jornais, como «O Comércio do Porto» lhe dedicaram palavras de forte elogio: «Para os crentes, um Santo; para todos, um grande português» — lia-se em títulos maiúsculos.

Apontavam ainda as qualidades que o enobreciam — aos 65 anos de idade que iria completar — e frisavam: «era filho de pais humildes e foi exemplar como aluno dos seminários de Braga e, depois, das Missões, em Cernache do Bonjardim.»



D. ANTÓNIO BARROSO, Bispo do Porto

UM TESTAMENTO

Para revelar o carácter deste Bispo — e cidadão português — se outra coisa não possuíssemos, linhamos aí o seu testamento. Terso na sua linguagem sem artificios, antológico, sereno e simples, é bem o retrato de uma Alma de que o Céu estava ávido.

Leiam-no:

«Nasci por graça de Deus no Grémio da Santa Igreja em cuja Fé sempre vivi e pela Misericórdia Divina espero morrer, pois fóra dessa Igreja, que é depositária de Cristo, não há salvação.

«Peço perdão a todos a que tenha ofendido e voluntária ou involuntariamente escandalizado por palavras ou acções.

«Declaro que não tenho consciência de, por vontade, ter sido injusto para com o meu próximo, mas exorto o perdão de todos a quem tenha de qualquer forma agravado.

«De todo o coração e diante de Deus, perdoo a todos que voluntariamente me ofenderam.

«A todos peço sufrágio e preces por minha alma, para que a Misericórdia Divina seja indulgente com ela, concedendo-lhe o perdão das muitas faltas, negligências e pecados.

«Nasci pobre, rico não vivi e pobre quero morrer em obediência e acatamento às sábias leis da Santa Igreja Católica. Por isso, e salvo a liturgia, quero que o meu funeral seja o mais pobre possível. Em exéquias que se me façam, não quero elogio fúnebre, consentindo-o, apenas, nas da Catedral da minha Diocese do Porto, sob a condição de versar sobre as tremendas responsabilidades do sacerdócio do episcopado, visto o púlpito não ser para louvores, mas sim para o ensino.»

Lega os seus poucos bens de Remelhe à Família e dispõe de alguns sufrágios.

«Ao Município de Barcelos — continua — lego uma pequena colecção de moedas, como base de uma das mais amplas colecções. E o que posso oferecer à minha Terra, e se esta não aceitar, para o Museu da Biblioteca do Porto.»

Depois de citar os testamenteiros e herdeiros: — o rev. P.e Abílio Cardoso Pinto e Joaquim Ferreira Gomes, com instruções particulares, prossegue:

«Declaro também que, desde a proclamação da República, nada gastei comigo, nem com a minha família, que é pobre, à custa da Diocese. Vivi, sim, à custa duma cotização que generosos diocesanos quiseram abrir com aquele fim.

«Bem ou mal, servi de graça a Diocese e tenho, com fervor, pedido ao supremo Pastor das Almas que dê a esta porção do seu rebanho, como sucessor meu, Prelado com mais luzes, mais zelo e mais virtude.»

Eis o Homem e o Bispo por quem chorou Barcelos há 50 anos — numa quarta-feira de chuva, que era o rócio das lágrimas de alegria dos Anjos, por O verem entrar na mansão onde só cabem os santos e os bons.

Foi assim D. António Barroso.

Programa das Comemorações do 50.º Aniversário da Morte do Santo Bispo - Missionário,

a realizar no próximo sábado, dia 31 do corrente

Em Remelhe, concentração, de manhã, de todos os paroquianos eromeiros junto à Capela Jazigo, onde haverá alocução apropriada, incluindo solene Profissão de Fé das Crianças. Às 11 horas, celebração da Santa Missa. À tarde, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo Auxiliar de Braga, D. António Ribeiro, fará a Visita Pastoral, inaugurando vários melhoramentos efectuados na igreja paroquial, e descerrará na Capela Jazigo uma lápide comemorativa do 50.º aniversário do falecimento do Santo Bispo.

Em na cidade de Barcelos, pelas 18 horas, o Snr. Bispo Auxiliar da Arquidiocese procederá, também, ao descerramento de uma outra lápide no Monumento a D. António Barroso, oferecida pela nossa Câmara Municipal.

Vamos modificar... Pois... Pois... MAS PARA MELHOR para J. PIMENTA, S.A.R.L.

180 Contos rendem lhe 1.125\$00 mensais.
Garantido por 12 anos.
Na Amadora e Paço de Arcos.
Rendimento de 8%.
Andares de 2 a 10 divisões

Apartamentos mobilados no Centro da Amadora, Portas de Benfica, Reboleira, Paço d'Arcos, Parede, Alapraia.

Acabamentos luxuosos, construção especial com materiais duradouros, inclusivé caixilharia em alumínio.

Não confunda! Consulte-nos em:

EM LISBOA — Rua Conde Redondo, 53 - 4.º Esq. — Telef. 45843 e 47843.
EM QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefone, 952021/22.
EM REBOLEIRA - AMADORA — Serviço permanente — Telef. 933670

radiadores

FABRICO E CONSRTO DE TODOS OS SISTEMAS

Fábrica LANDOLT

A mais antiga do País

Manuel Teixeira Prata

Avenida Camillo — 144 Telefones: 51965 • 58975 PORTO

COBERTURAS E EMPENAS DE ALUMÍNIO ONDULADO AUSTRIACO

METAIS ALMADA

MANUEL TEIXEIRA PRATA & C.ª

Telefones: 24 325 • 29 968 • 32 241 • 24 213
RUA DO ALMADA. 395 - PORTO

Agentes Distribuidores de FARINHAS para engorda de animais LOTE TIPO INDUSTRIAL

mais barato e muito melhor que as
que se encontram no mercado,
como também de produtos só para
a alimentação de animais.

ACEITAM-SE. — Falar nesta Redacção.

ALUGA-SE CASEIRO

Andar na Rua D. António Barroso.
Falar e chaves, na Av. Dr. Oliveira Salazar, 51.

PRECISA-SE—Para Quinta dentro da área da Cidade.
Informa esta Redacção.

Máquinas de Costura

usadas, SINGER e outras marcas, como novas.—Bons preços —Vende Fernando Valério de Carvalho, na Av. Combatentes da Grande Guerra —Telefone, 82583 — Barcelos.

Lula congelada

Quilo 22\$00
Casa Águia Barcelos

SOCIEDADE

Aniversários

Quinta-feira, 29

D. Maria Teresa da Cruz Souto Pinto, Menino Carlos Alexandre Monteiro da Silva Correia e Rui Horta Carneiro.

Sexta-feira 30

D. Maria Fernanda da Silva Vasconcelos, Padre António Areias da Costa, Celestino Faria Nascimento e Menina Olinda Dulce Pontes de Albuquerque Farja.

Sábado 31

Dr. António Rodrigues de Miranda, Dr. José Gualberto de Sá Carneiro, D. Maria das Dores do Vale Frias, José Maria Fiuza, José Carlos de Azevedo Miranda Baptista e Menino José António Gomes de Carvalho.

Domingo 1

Domingos Ferreira de Azevedo, Tenente-Coronel Manuel Carmona Gonçalves, D. Maria da Glória dos Santos Cunha, Aníbal Rodrigues Araújo, Menino José António Matos da Silva Correia e Carlos Augusto Pereira de Faria.

Segunda-feira 2

José Augusto da Silva Pereira.

Terça-Feira 3

Padre Manuel Vieira Gonçalves.

Quarta-feira 4

Menino António Ilídio da Silva Brandão Pimenta.

Casamento

Em 18 do corrente, na igreja paroquial de Curvos, do vizinho concelho de Esposende, realizou-se o casamento da Sra D. Fernanda Marques Filipe, Professora Oficial, filha da Sra D. Carolina Gonçalves Marques e do Sr. António Peres Filipe, proprietário, com o Sr. José Silvío Baptista de Carvalho, filho da Sra D. Teresa Baptista de Carvalho e do nosso amigo Sr. Sebastião Alves Pereira de Carvalho, conceituado comerciante de relojoaria e ourivesaria da nossa praça.

Celebrou o acto religioso o Rev.do Padre Avelino Marques Filipe, irmão da noiva, e foram padrinhos: da noiva, sua irmã, Sra Professora D. Maria Alice Peres Filipe, e seu tio materno, Sr. Augusto Marques; do noivo, seu irmão, Sr. Dr. Vasco Valentim Baptista de Carvalho, e sua esposa, Sra Professora D. Fernanda Teixeira de Carvalho.

No final, foi oferecido aos numerosos convidados um almoço em casa dos pais da noiva.

Aos noivos, que seguiram em viagem para o Norte do País, desejamos inúmeras felicidades.

Dr. António Rodrigues Miranda

Vindo de Lisboa, esteve nesta Redacção, a apresentar-nos cumprimentos, o nosso bom amigo e assinante Sr. Dr. António Rodrigues de Miranda, que se encontra entre nós a gozar merecidas férias.

Agradecemos a atenção dispensada.

Viagens de rego

Regressaram já a esta cidade, depois de uma viagem através da Espanha, o nosso bom amigo Sr. Dr. António Neco Coutinho e Sua Esposa Sra D.ª D. Maria Soledade Vasconcelos Pinheiro Coutinho.

O Sr. António Vasconcelos do Vale, industrial de Areias de S. Vicente, encontra-se em viagem, por vários países da Europa, acompanhado de sua nora, Sra D. Ercília Faria do Vale e de seu filho, Sr. Carlos Vale.

Andou também em digressão pelo sul de Espanha o nosso prezado amigo Sr. Dr. Adelino Miranda de Andrade, ilustre advogado barcelense.

Regressaram de uma visita a vários países europeus os Srs. José Pereira de Miranda e José Vieira de Vasconcelos.

A gozar umas merecidas férias, encontra-se em Espanha o nosso amigo Sr. Aníbal Araújo.

Externato Alcaides de Faria

PARA MENINAS

ALVARÁ N.º 214

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 48—Telefone 82346

BARCELLOS

Ciclo Preparatório

CURSO LICEAL

(1.º e 2.º CICLOS)

As matrículas efectuam-se de 1 a 12 de Setembro

P.º José Maria Furtado Rodrigues

Conforme noticiamos, Negreiros esteve em festa no passado domingo para celebrar as «Bodas de Prata Sacerdotais» do seu ilustre e querido pároco, P.e José Maria.

O adro da Igreja estava engalanado com bonitos arcos e tapete de flores, que emprestavam ao local aspecto verdadeiramente festivo.

Estão de parabéns as raparigas de Negreiros, pelo bom gosto demonstrado.

Com a Igreja Paroquial repleta de fiéis, às 11,45 horas iniciaram-se as cerimónias religiosas com uma «Missa Concelebrada» por sete sacerdotes, à qual presidiu o homenageado. Dirigiu as cerimónias o Sr. P.e Frei Miguel, que depois do Evangelho proferiu palavras elogiosas de exaltação à acção do Sr. P.e José Maria na sua paróquia e terra natal. A acção apostólica do pároco de Negreiros é grande; sentem-na os paroquianos e os que a conhecem. O dinamismo do Sr. P.e José Maria levou-o a uma obra que marcará para sempre o seu querer: a ampliação e restauro da Igreja paroquial.

No momento da Comunhão, o homenageado deu a Mesma a cerca de duas dezenas de crianças que pela primeira vez a receberam, ao mesmo tempo que outros párocos davam ao povo.

Acabadas as solenidades religiosas seguiu-se um almoço, oferecido pelos paroquianos e amigos do Sr. Abade de Negreiros, a que presidiu o mesmo.

Aos brindes falaram os Srs. P.e Frei Miguel, P.e Dr. Aires Ferreira, Prof. Ferreira da Silva, Presidente da Junta de Gondifelos, Dr. Armando Barbosa (Presidente da Jun-

ta de Negreiros), Dr. Neiva de Oliveira, Dr. Vitor Marques (Vice-Presidente da Câmara de Barcelos), P.e Carvalho (de Cristelo, que também celebra as suas bodas de prata) e ainda outros oradores.

Todos enalteceram a figura do Sr. P.e José Maria Furtado Rodrigues, como pároco e homem que vive os problemas dos outros com a máxima dedicação.

Por vários oradores foi lembrado o tio do homenageado, P.e Manuel Rodrigues, o inesquecível Abade de Negreiros, que foi elemento destacado do concelho de Barcelos.

Por último falou o homenageado que a todos agradeceu a presença na sua querida festa. Disse que a não queria, aceitando-a, contudo, por verificar que era essa a vontade unânime dos seus paroquianos e amigos.

Entre as várias considerações, proferidas pelo Sr. P.e José Maria, destacamos esta: a melhor prenda que os meus paroquianos me podem dar é auxiliar, com todo o empenho, as obras da Igreja, para que num futuro próximo estejam concluídas.

Foram presentes ao acto, entre outros, os Srs.:

Dr. Vitor Marques, Arcipreste de Barcelos, P.e Dr. Aires Ferreira, Dr. João Barbosa, Dr. Carneiro Severo, Dr. Neiva de Oliveira, Dr. Mário Queirós, A. Vieira de Castro, etc., etc..

A comissão promotora da homenagem era constituída pelos Ex.mos Srs.: P.e Frei Miguel, Dr. Armando Barbosa, José Baltazar e Regedor.

Journal de Barcelos felicita o Snr. P.e José Maria e deseja-lhe longa vida na sua nobre missão sacerdotal.

Praias e Campo EM BARCELINHOS

Salvamento no Rio Cávado

Graças à pronta acção e abnegação do arrojo do nosso conterrâneo Almirante da Silva Carvalho, que se lançou vestido ao Rio Cávado, foi salvo de perecer afogado o Sr. Manuel Alves Bezerra, natural e residente em Vila Nova de Famalicão, na tarde do dia 25 do corrente.

Louvamos a atitude deste arrojado salvador que, depois de retirar do fundo do Rio o afogado, lhe ministrou o exercício respiratório de boca-a-boca, restituindo-lhe assim a vida.

Já refeito o Sr. Manuel Bezerra foi conduzido à sua residência na ambulância dos Bombeiros de Barcelinhos.

Dr.ª Maria Fara Padim Brandão

LABORATÓRIO DE ANÁLISES

Largo José Novais, 25 - 2.º BARCELLOS

Reabre a partir de 16 - Setembro

Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82485
BARCELOS

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista

Composição e Impressão
EDITORA POVEIRA—Póvoa de Varzim
Telefone 82257
Visado pela Censura

HÁ 40 ANOS QUE BARCELOS FOI ELEVADA À CATEGORIA DE CIDADE

Honra ao mérito e à justiça

PASSAM, no próximo dia 1 de Setembro, 40 anos sobre a data em que Barcelos — que já era Vila das mais conceituadas e progressivas do Continente, como sede de um dos mais vastos concelhos do País — foi elevada à categoria de Cidade.

Emula das belezas que o Cávado vem encenando da nascente até ali e até à foz; rica de pergaminhos que a História Pátria regista em letras de ouro; terra laboriosa e farta, industrial e comerciante, sem deixar de tirar seus olhos da riqueza agrária que lhe confere títulos especiais — alfobre de santos, de guerreiros, de poetas e de lavradores — pérola encastoadada em caixilho de rara beleza que lhe vem de vergeis e de canteiros, e onde não há um palmo de chão que seja sáfaro à virtude do trabalho por mais árduo — a Vila do Alcaide tinha um sonho. — Ser Cidade.

E realizá-lo? — Justiça não lhe faltava. Sobejava até.

Mas era preciso encontrar o homem que lhe processasse o respectivo requerimento, que sempre acompanha estes «sonhos».

E ele surge. Oportuno e justo. Era presidente do Município barcelense o capitão Francisco Caravana.

Só este nome evoca uma das mais



BARCELOS DE HOJE — Panorâmica da cidade focada de avião

brilhantes páginas do «curriculum» das terras barcelenses. A seu lado, homens que sabem sopesar as responsabilidades — e vivem amarrados à ideia do prestígio e do progresso de todo o vasto concelho. Ainda a seu lado, um Povo que mete plebeus, letrados, burgueses e fidalgos — irmanados no mesmo pensamento.

Era chanceler da Justiça um homem que apreciava, porque os conhecia bem, as virtudes e os anseios destas gentes. Tinha sido aqui Juiz da Comarca.

Era o Doutor Silva Monteiro.

E foi quando se fez justiça: — Barcelos, naquele dia 1 de Setembro de 1928, passava de Vila maior de Portugal, a cidade mais moder-

na, com todas as galas que lhe vinham de Terra da Franqueira e dos Alcaldes de Faria. (Conta-se que, nesse dia, o Cávado empurrou um bocado as margens para ser mais largo, e que o Sol lhe ofereceu um rosicler de tardinha dos mais belos que olhos já viram...)

E repicaram os sinos, das capelinhas e dos templos. Estoiraram fo-

quetes, nas arribas e nos plainos nos adros e nas feiras. Falaram os prelos e a imprensa, sendo, desde então considerada a cidade mais moderna do País.

«Hurra! pela cidade de Barcelos.

Hurra! por todas as pessoas que desejam o engrandecimento do nosso querido e progressivo torrão. (O Barcelense).

De entre essas pessoas enaltecidas por este «hurra», saliente-se o Ministro da Justiça, que a 31 de Agosto de 1928, envia ao Presidente da Câmara, o seguinte telegrama:

«Felicito V. Ex.ª elevação Barcelos a Cidade, decerto hoje assinado».

Também Barcelinhos veio para a «festa». Posta do lado de lá por obra da natureza, que quis dar ao Cávado, naquelas bandas, um lugar paradisíaco, para seu deleite e de suas gentes, Barcelinhos reuniu todas as suas forças, a começar nos seus Bombeiros e veio, em manifestação de arromba, do Largo do Tanque até ao Largo da Câmara e, depois, correu as ruas todas.

Bonito!

Também a Imprensa deu relevo ao acto, e salientaram-se, neste particular, os diários «O Comércio do Porto» e «Correio do Minho», de Braga.

Bem hajam — vivos e mortos — quantos lutaram por este sonho!

Agora, que todos, unidos como os vimes da História, se batam pelo seu progresso — da cidade de Barcelos e do seu Concelho.

Que todos «não seremos de mais». Hurra! por Barcelos!

NOBRE RASGO DE PATRIOTISMO



O Alcaide de Faria morre por lealdade à Pátria — Quadro de CONDEIXA

Funeral do 1.º cabo

Joaquim Brás de Sousa

Em 14 do corrente, cerca das 12 horas, chegou à Igreja Paroquial de Vila Frescaíña (S. Martinho), em armão militar, o corpo do 1.º Cabo Joaquim Brás de Sousa, filho do Sr.ª D. Carmelinda Brás da Silva e do Sr. João Evangelista Gomes de Sousa. O saudoso 1.º Cabo era natural da freguesia de S. João de Vila Boa, deste concelho, mas residente na freguesia acima referida, e que faleceu em combate na Província da Guiné em 25 de Maio último, como então foi noticiado.

O armão era aguardado pelas autoridades e muito povo que, assim, quis prestar ao valoroso soldado a sua última homenagem.

Pelas 12 horas, houve missa de Corpo Presente na igreja paroquial de Vila Frescaíña (S. Martinho), mandada celebrar pelo Movimento Nacional Feminino.

O cortejo fúnebre saiu depois daquela igreja para o Cemitério da mesma freguesia, onde uma força militar prestou as honras fúnebres respectivas.

BARCELOS MEDIEVAL



A veneranda Matriz da cidade e o Pelourinho

Nas páginas interiores leia a nossa Homenagem póstuma comemorativa do Cinquentenário da morte do Missionário D. ANTÓNIO BARROSO — Filho muito Ilustre de Barcelos